

RELIGIOSIDADES DO POVOADO PINDAÍ - ILHA DO MARANHÃO

Katiuse Mendes Lopes¹

Ana Rosa Marques²

Resumo

O povoado Pindaí, localiza-se em dois municípios: Paço do Lumiar e São José de Ribamar, ambos inseridos na Mesorregião Norte Maranhense, e na Microrregião Aglomeração Urbana de São Luís (MARANHÃO, 1998, p. 67). Trata-se de um povoado limítrofe que se estabelece à margem da MA – 201, em que o processo de contiguidade da urbanização da capital maranhense se expandiu aos demais municípios da Ilha do Maranhão. Tem-se como objetivo geral deste trabalho: Conhecer as festas e religiosidades no Povoado Pindaí e como objetivos específicos: Levantar as religiosidades presentes no Povoado; Traçar as características das festas e religiosidades; apresentá-las com registro fotográfico, afala dos sujeitos sociais e a confecção do mapa de identificação das manifestações religiosas do Povoado Pindaí. Utilizou-se predominantemente o método fenomenológico, a abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e laboratório para confecção dos mapas. Na atualidade os traços culturais mais relevantes estão na presença e diversidade da religião cristã e de matriz afro-brasileira.

Palavras-chave: Povoado Pindaí. Religião. Geografia Cultural.

ABSTRACT

The Pindaí village is located in two municipalities: Paço do Lumiar and São José de Ribamar, both located in the North Maranhense Mesoregion, and in the São Luís Urban Agglomeration Microregion (MARANHÃO, 1998, p. 67). It is a border town that is established on the margins of MA – 201, in which the process of contiguity of urbanization in the capital of Maranhão expanded to the other municipalities on Maranhão Island. The general objective of this work is: To understand the festivals and religiosities in Povoado Pindaí and as specific objectives: To identify the religiosities present in the Povoado; Trace the characteristics of festivals and religions; present them with photographic records, talk about social subjects and create a map identifying the religious manifestations of Povoado Pindaí. The phenomenological method, qualitative approach, bibliographic research, field and laboratory research were predominantly used to create the maps. Currently, the most relevant cultural traits are the presence and diversity of Christian and Afro-Brazilian religions.

Keywords: Pindaí Village. Religion. Cultural Geography.

¹ Mestra/ Programa de Pós Graduação em Geografia, UEMA, katiusemendes@gmail.com;

² Professora Orientadora: Pós- Doutora do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UEMA), Analista ambiental do IBAMA/MA, anclaros46@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Caminhar pelas festas e religiosidades do Povoado está entrelaçado à experiência pessoal e coletiva, posto que, ao se colocarem os pés no lugar, com aportes que justifiquem e demonstrem a importância intrínseca à ciência geográfica – e também às demais ciências como a filosofia, psicologia, sociologia, entre outras –, percebe-se a confluência entre o experienciado no mundo fenomênico e os conhecimentos que permitem a análise.

A confluência retrocitada entre saberes acadêmicos e vivências experienciadas explicam a dimensão da identidade do sujeito atrelada ao lugar no decorrer da existência temporal, e que traz o desvelamento do lugar da memória. Este entrelaçamento de um confluir de elementos do caminhar humano é vislumbrado ao pisar no lugar, pois cada ser no mundo possui um lugar onde dentro de uma temporalidade transcorrem os péricipos do existir.

Empregando o aporte fenomenológico na leitura da essência do ser e constituindo o lugar a partir da vivência do dia-a-dia, da experiência do ser-estar-no-mundo, imanado na colocação de Marandola Jr. (2014, p. 229-230), o lugar se refere à mundanidade de nosso cotidiano, e por isso ele é fundamental quando pensamos o ser-no-mundo e a existência, confirmando o lugar enquanto essência da experiência e da existência.

A geografia, como estuda também o lugar, sedimenta (e ao mesmo tempo transcende) sua abordagem naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo. Lugar implica continuidade (OLIVEIRA, 2014).

O Pindaí, enquanto Lugar também registra permanências e transformações, ocasionadas pela urbanização e dinâmica social, causadas pela pressão no entorno, pela inserção de empreendimentos imobiliários no local, num processo de transformação socioespacial e ambiental. É neste contexto de transformações, de aumento demográfico, associado ao deslocamento através da rodovia (MA – 201), da pressão imobiliária que configura espacialmente o povoado com novas marcas de urbanização. Assim, tem-se como objetivo geral deste trabalho: Conhecer as festas e religiosidades no Povoado Pindaí e como objetivos específicos: Levantar as religiosidades presentes no Povoado; Traçar as características das festas e religiosidades; apresentá-las com registro fotográfico e fala dos sujeitos sociais.

Ressalta-se o intenso processo de urbanização em São Luís e como sua contiguidade é estendida aos demais municípios circunvizinhos da Ilha do Maranhão, com a presença do capital imobiliário devido à proximidade destes. Conforme o IMESC (2011), a situação constitui-se, entre outros aspectos, como um reflexo das pressões dos grandes projetos industriais instalados na Ilha do Maranhão, a exemplo da ALUMAR e CVRD, partes integrantes do Programa Grande Carajás, que motivaram a migração de pessoas que visavam trabalhar nestas indústrias e em suas empreiteiras. Consequentemente, houve crescimento populacional em São Luís, e por conseguinte, “esse crescimento populacional estendeu-se aos municípios de Paço do Lumiar em 380%, e de São José de Ribamar em 160%” (IMESC, 2011, p. 32).

Há uma proximidade muito forte dos municípios em relação à capital maranhense (São Luís). “Paço do Lumiar dista 22,42 (km) e São José de Ribamar 27,4 (km), uma distância em linha reta dos respectivos municípios à capital” (IMESC, 2010, p. 20). Assim, em face desta proximidade, os municípios da ilha como continuidade da capital perpassam pelo processo de crescimento demográfico e de urbanização, como verificado nos dados do IMESC. Esta expansão estende-se aos demais municípios da Ilha, constituindo características definidas de urbanização que permeiam o lugar.

Pindaí vivencia transformações de urbanização decorrentes da expansão imobiliária pela inserção e presença de empresas em um processo de transformação socioambiental do lugar. É neste contexto de transformações de aumento demográfico, associado ao deslocamento através da rodovia (MA – 201), que a pressão imobiliária configura espacialmente o povoado. Assim, tem-se como objetivo geral deste trabalho um olhar para os aspectos culturais voltado para religiosidade étnica do povoado Pindaí; e como específicos o levantamento das festividades religiosas e a confecção do mapa de identificação das manifestações religiosas do lugar. Utilizar-se-ão predominantemente o método fenomenológico, a abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e laboratório para confecção dos mapas. Apresenta-se abaixo a tabela (Quadro 01), com o quantitativo das entrevistas realizadas, datas e os sujeitos sociais abordados.

**Quadro 01: Entrevistas dos Sujeitos Sociais - Terreiros**

ENTREVISTA (Sujeito Social)	TERREIROS	DATA
Mãe de Santo	Mina	29/02/2020
Mãe de Santo	Mina	25/02/2020
Pai de Santo	Umbanda	25/02/2020
Mãe de Santo	Umbanda	25/02/2020

Fonte: Elaboração Própria dos Autores. (2020).

Na atualidade, os traços culturais mais relevantes estão na presença e diversidade das religiões cristã e de matriz afro-brasileira. Este artigo está inserido na pesquisa de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço/UEMA.

METODOLOGIA

A partir das percepções ambientais alcançadas, como o lugar, na espessura das experiências dos agentes espaciais averiguados, desponta como geografia vivida?

Utilizou-se a abordagem fenomenológica para descrever o lugar, sentir e interpretar a percepção dos sujeitos espaciais e assim alcançar os objetivos salientados. Assim sendo, tem-se um procedimento adequado para a descrição do mundo cotidiano da experiência humana com um aporte que permite análises variadas sobre o tema (HOLZER, 2010), ademais, segundo Marandola Jr. (2013, p. 11) “a fenomenologia se afirma, ao lado do pensamento social e filosófico contemporâneo, como uma possibilidade para compreensão da experiência no mundo atual, suas angústias, crises e transformações”.

Para ajudar a compor a metodologia da pesquisa, embasou-se em Cássio Hissa que nos ensina que a metodologia “é um processo histórico e criativo que se vai fazendo, ela poderá ser compreendida, assim, como a memória da pesquisa. Ela é memória-ideia de como fazer”. (HISSA, 2012, p.119).

REFERENCIAL TEÓRICO

Para este caminhar traz-se o arcabouço já teorizado, a partir da leitura de Corrêa (2000), que contextualiza a geografia enquanto disciplina institucionalizada adentrando as universidades europeias. Já na década de 50, calcada no positivismo lógico, tem-se a

Geografia Tradicional baseada na revolução teórica-quantitativa. Na década de 70 surge a Geografia Crítica, concebida em bases epistemológicas advindas do materialismo histórico-dialético. Pode-se neste diapasão evocar a Geografia Humanista, com raízes epistêmicas nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo e que, consoante Corrêa:

Está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real. E o lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante. (CORRÊA, 2000, p. 30)

O lugar na geografia, desde os primórdios da vertente humanista em apreço, foi sempre a essência propriamente dita da ciência geográfica (OLIVEIRA, 2014, p. 15). Ainda nesse pensar, para Mello (2014, p.65), os geógrafos humanistas trabalham o conceito lugar a partir do sentimento e do entendimento, apontando a sua multidimensão e as diversas vias para sua compreensão. Neste entendimento da valorização do lugar adentra-se o conceito, a partir do ensaio de Werther Holzer (2014, p. 282):

“Lugar” referenciado ao aporte fenomenológico como apropriado pelos geógrafos humanistas, ou seja, o “lugar” que trata da experiência intersubjetiva de espaço (mundo) em seus fundamentos, quais sejam, distâncias e direções a serem vencidas fisicamente ou na imaginação, sobre um determinado suporte que podemos chamar de “espaço geográfico”, constituindo-se a partir das vivências cotidianas como um centro de significados, onde experimentamos intensamente o que pode ser denominado de geograficidade”.

Empregando o aporte fenomenológico na leitura da essência do ser e constituindo o lugar a partir da vivência do dia-a-dia, da experiência do ser-estar-no-mundo, imanado na colocação de Marandola Jr. (2014, p. 229-230), o lugar se refere à mundanidade de nosso cotidiano, e por isso ele é fundamental quando pensamos o ser-no-mundo e a existência, confirmando o lugar enquanto essência da experiência e da existência.

A geografia, como estuda também o lugar, sedimenta (e ao mesmo tempo transcende) sua abordagem naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo. Lugar implica continuidade (OLIVEIRA, 2014).

Seguindo este pensar disserta Relph (2014, p. 20) que, uma vez que lugar é o fenômeno da experiência, seria apropriado que ele fosse explicado por meio de uma rigorosa

abordagem fenomenológica que havia sido desenvolvida por Husserl e Heidegger. Uma abordagem que fundamente os estudos de Yi-Fu Tuan, David Seamon, Anne Buttimer, Edward Relph, dentre outros.

Acrescente-se ao rol supramencionado os nomes de Ana Rosa Marques, João Baptista Ferreira de Mello, Lívia de Oliveira, Zeny Rosendahl e Werther Holzer; estudiosos que alicerçam a reflexão da geografia a partir do lugar. Nesse processo, com suas obras e intervenções na orientação da qualificação para melhorar o presente trabalho, evoco o contributo do professor José Eduardo Marandola Júnior, bem como o professor José Arilson Xavier de Souza, que de forma significativa ajudaram a ampliar o horizonte da pesquisa.

Nesta perspectiva, Tuan, (1930, tradução 2013, p. 17), traz a relevância da concepção da experiência como “um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”. A partir da experiência dos anos vividos e sua inteligibilidade que o indivíduo visualiza o mundo exterior, concebe internamente, toma decisão e age. “Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização”. (TUAN, 2013, p. 17)

O mesmo autor aborda a Geografia Humanista como a “interpretação da experiência humana em sua ambiguidade, ambivalência e complexidade”, e assim pretende “esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar” (TUAN, 1985, p. 162).

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, 1979, p. 387).

Cabe ainda conceber que o lugar, embora não habitado, mas percebido, experienciado pelos sentidos e sentimentos permite-nos significá-lo como lugar. A professora Lívia de Oliveira contribui nesse sentido com a seguinte concepção de lugar:

A concepção atual de lugar é de tempo em espaço; ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria. A partir da experiência, do habitar, do falar e



dos ritmos e transformações. É o lugar experienciado como aconchego que levamos dentro de nós. Ou o lugar consciente do tempo social histórico, recorrente e mutável, no transcorrer das horas do tempo em um espaço sentido dentro de um lugar interior ou exterior. (OLIVEIRA, 2014, p. 5-16).

Esse “lugar faz parte de nosso cotidiano e como é a partir dele que nos inserimos no mundo”, é também nele que “nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo”, de acordo com Marandola Jr. (2014, p. 228). Em uma relação dialógica com a subjetividade e a coletividade, com o interior e o exterior, com o particular e o universal, é no lugar onde tanto conflui a experiência cotidiana como também onde essa experiência se abre para o mundo, sendo núcleo de significado que se estende em suas ligações, entrelaçado enquanto ser à nossa própria existência. “É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco”. (RELPH, 2014, p. 31).

Nesse sentido, “é igualmente importante compreender que é por meio de lugares que indivíduos e sociedades se relacionam com o mundo, e que essa relação tem potencial para ser ao mesmo tempo profundamente responsável e transformadora” (RELPH, 2014, p. 27). Trata-se de um signo constante de reconciliação sociofísica não apenas de razões, mas também de emoções (OLIVEIRA, 2014).

Conforme salienta Mello (2014, p. 39), “a cama, a casa, a rua e o bairro são lugares eleitos e demarcados a partir de nossas experiências diretas”; e ainda se configuram como “símbolos referenciais, significados e permanência contribuem para forjar o sentido de lugar”.

A relação de apego, de sentir-se bem e criar laços afetivos com o lugar identificada por “Topofilia”, é uma terminologia trazida por Gaston Bachelard (1989) e também empregada por Yi-Fu Tuan (1980): “É o elo afetivo entre a pessoa com o lugar ou ambiente físico, vivido e concreto como experiência pessoal, de pertencimento”. Pode-se denominar amor ao lugar, visto que segundo o mesmo autor, “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos”, ou ainda aquilo que começou como um espaço indiferenciado termina como um único objeto-situação ou lugar (YI-FU TUAN, 1930, tradução 2013, p.47).

O sentimento supramencionado, quando se intensifica, revela outras dimensões da subjetividade, como pertencimento e afetividade, e paradoxalmente pode gestar aspectos opostos, a saber: estranhamento, rejeição, ausência de valor, apego e afetividade.

Esta dimensão antagonica da seara dos sentimentos pode ser compreendida por “Topofobia”, e encerra em sua manifestação uma aversão ao lugar. Neste direcionamento conceituado por Relph (1976 p. 107) como "deslugar", no convívio, as paisagens artificiais, interpretadas como feias, transformam-se em belas e agradáveis, ou seja, lugares.

Na complexidade e diversidade do ser diante das emoções, situações, vazio de significar e ressignificar a vida, o lugar é um mundo de significados organizados, a um tempo estático e a outro dinâmico; são caminhos que se tornam lugares significativos, outrossim, onde vivemos, nossa residência, nosso bairro inteiro, se tornam um lugar para nós, não importa se é um local natural ou construído, o homem se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo. (OLIVEIRA, 2014, p. 11- 12).

Ao tecer esse subtópico Traços Culturais do Pindaí, nota-se claramente a relevância desta temática, na Ciência Geográfica, através do aporte intelectual trazido pela corrente humanista ao compreender e dar importância às relações afetivas e dos sujeitos com o lugar e sua cultura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à origem do povoado Pindaí, Miranda (2009, p. 04), ao descrever a história do município de São José de Ribamar, ressalta que “antes da chegada dos europeus, era somente um pedaço de ilha habitado por índios Gamela. Viviam da caça, da pesca e da agricultura”.

As condições geográficas existentes permitiam aos Gamelas viver nestas terras, originando povoados, a exemplo de Pindaí, cujo nome é de origem indígena e significa Água do Anzol, do Tupi Guarani pindá – ouriço e anzol, somado ao ‘i’ í- dizer e ‘i’ água (BARBOSA, 1951, p. 123).

Já sujeitos espaciais relatam outras interpretações para a origem desse nome, como Louridane Brito da Cruz: “águas que correm”; e Suelma Cristina Mariano Farias: “Rio do Anzol de origem indígena, então, entendo que o nome do Pindaí vem do Rio que era muito bonito e servia tanto para banho quanto pra pesca”.

A história contada também por seus moradores, revela que a renda das famílias consistia basicamente da agricultura, da pesca e do coco babaçu. Atualmente estas atividades ainda se mantêm, com exceção do coco babaçu numa perspectiva de complementaridade

associada às outras atividades. A água para consumo e lazer provinha do rio Santo Antônio, conhecido no lugar por rio Pindaí.

O rio Santo Antônio nasce no bairro Cidade Operária onde estão as maiores altitudes da sua bacia hidrográfica” Bezerra *et al.* (2001), esse rio possui outras denominações como Santo Antônio e Rio São João, que localiza-se na porção Nordeste da Ilha do Maranhão, compreendendo o município de Paço do Lumiar, parte de São José de Ribamar e de São Luís. O leito do rio está sofrendo um processo de degradação ambiental em virtude do lançamento de efluentes domésticos, assoreamento, contaminação e poluição das águas, comprometendo assim seu potencial de múltiplos usos (MACEDO 2011, p. 109).

A religiosidade do Pindaí, que tradicionalmente consistia da Igreja Católica e Terreiros de Mina, nos últimos anos expandiu o leque da fé, acentuado de maneira significativa com o crescente número de Igrejas, em sua maioria neopentecostais (Igreja Adventista; Igreja Assembleia de Deus; Igreja Batista Nacional Visão Eternidade no Pindaí; Igreja Congregacional; Igreja Sarah Nossa Terra; Igreja Católica de Santo Antônio – ligada a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus Moropóia/ São José de Ribamar); e os terreiros de religiões de matriz africana, como Tambor de Mina e Umbanda, com representatividade no Povoado Pindaí. Segundo Ferreti (2002), as denominações religiosas comumente encontradas nos terreiros maranhenses são:

As denominações religiosas mais encontradas em terreiros maranhenses são: tambor de mina, a mais antiga e conhecida na capital; o terecô, a mais antiga no interior; a cura (pajelança de negros), bastante antiga na capital e no litoral do estado, especialmente na região de Cururupu; a umbanda, mais difundida no Maranhão após 1960, com a fundação em São Luís da “Federação de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros”; e o candomblé, de penetração mais recente. Fora da capital maranhense alguns terreiros se apresentam ainda como de macumba (denominação muito usada no passado, no Rio de Janeiro), apesar desse termo ter se tornado pejorativo e hoje ser mais usado como sinônimo de feitiçaria. (FERRETTI, 2002, p.13).

Por meio das observações de campo, foi constatado o isolamento das manifestações religiosas e o enfraquecimento da fé popular oriunda da festividade e prática da Igreja Católica. Uma outra relação existente é a sacro-profana que, segundo Souza (2009, p.38), trata-se da compreensão do acontecimento de processos, encontros e misturas culturais no mundo atual, cada vez mais heterogêneo, nos levando ao entendimento de que sagrado e profano podem, por ventura, ser analisados em conjunto num mesmo recorte espacial - como "espaços sacro-profano" -, não sendo gerada necessariamente esta separação, característica atrelada à festa religiosa do padroeiro Santo Antônio, em que havia a promoção de seresta

organizada por donos de bares/quitandas (Patoca, Raimundo, Sidney) e o repasse de um percentual do lucro à Igreja após o término da festa.

O isolamento das Igrejas e dos terreiros é notado por atividades religiosas e assistenciais promovidas por seus membros/participantes e para eles. Na prática dos terreiros, existe a mesma lógica do isolamento apreendido na entrevista, na qual os termos “obrigação” e “segredo” foram fortemente utilizados, observando uma preocupação com o desenvolvimento único da sua atividade, embora perceba-se autêntica e urgentemente, conforme relato dos entrevistados, a necessidade da promoção da coletividade para proteção da natureza, para o bem do povoado e para a própria continuidade dos ritos das oferendas realizados em mata, mar e rio aos seus “Guias”, entidades do terreiro de Mina e Umbanda.

Quando questionados sobre a ação coletiva para ações de proteção, foram unânimes ao dizer que isso não é possível devido às matrizes distintas do culto, em relação às linhas (branca e negra) e aos terreiros (mina e umbanda). Essa relação de individualidade, entendida numa pretensão de manter a identidade individual, parece prejudicar o envolvimento e fortalecimento de forças importantes da coletividade no povoado.

Trata-se de uma provocação dessas manifestações culturais para a identidade e coletividade do lugar, como cenário de manutenção da tradição com um renovo para atuar de forma efetiva nos desafios presentes para o bem comum da vida. Sobre o Terreiro de Umbanda, Venilson Alves Brito (conhecido como Vênis) e sua mãe Onésima Alves Brito (conhecida como Morena), permitiram o registro fotográfico (Figura 02). Este apresenta uma forma peculiar de casa onde a construção foi implementada pela doação de participantes/beneficiários do culto, com alcance da resolução de problemas de saúde e financeiros.

Na fala, as entidades provocam um tipo diferente de construção em forma circular, uma “oca”, assim como no Terreiro de Mina de Dona Dica, em que as entidades orientam material mais rústico (ex. do “chão pisado”, enquanto expressão para identificar a ausência de piso/lajota pelo barro compactado).



Figura 2: Terreiro de Umbanda



Fonte: Elaboração Própria dos Autores. (2020).

Foi observado, conforme Ferreti (2002), a existência do sincretismo religioso dos Terreiros e da Igreja Católica com a presença de imagens de santos (Figura 03) de devoção popular da religião cristã presentes nas religiões de matriz africana. Em relação ao culto são nítidas as peculiaridades e diversidades com adaptações regionais, mantendo-se, no entanto, a essência.

O Sincretismo ocorrido entre as crenças indígenas e o sistema católico foi fruto notadamente das investidas jesuíticas em seu afã evangelizador. No caso dos africanos, estes exerceram um papel de protagonistas, ao buscarem formas de continuar a cultuar suas divindades. Para tanto, buscaram uma espécie de meio-termo entre seu real panteão e o sistema dos santos católicos introduzidos pelos padres ibéricos. (ROMÃO, 2018, p. 362).

Figura 03: Imagens do Catolicismo - Sincretismo



Fonte: Elaboração Própria dos Autores. (2020).

Em relação a definição de religião concorda-se com Donzellini (2016, p. 11), em que “é a atitude de uma pessoa em relação ao Sagrado - Deus que se comunica com a humanidade. É necessário acreditar na existência de Deus, reconhecer que somos criaturas e temos um Criador que nos ama e quer se comunicar conosco”. E ainda “o homem toma conhecimento do sagrado porque ele se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”, conforme Eliade (2008, p.17).

Essa busca pelo Sagrado é inerente à espécie humana enquanto seres religiosos, diante da crença individual que se comunica numa coletividade. No povoado Pindaí, vislumbra-se essa busca nos Terreiros de Mina e Umbanda, e nas Igrejas Cristãs.

Nas Igrejas Cristãs, têm-se uma pluralidade Pentecostal e Neopentecostal, esta última cada vez mais apresentando quantitativo crescente no povoado. No entanto, algumas características tornam-se marcantes e presentes, como a já mencionada anteriormente, que trata da individualização das ações promovidas por seus membros/participantes e para estes especificamente.

Neopentecostal, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do ethos e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal (MORAES, 2010 *apud* MARIANO



1995: 37). Algumas características marcantes do neopentecostalismo (dízimo, administração empresarial da fé, teologia da prosperidade, aceitação da autoridade, fanatismo e intolerância, proselitismo, igreja eletrônica, desvalorização do compromisso social e político. (DONZELLINI, 2016, p. 45).

Diante do exposto, um olhar sobre as manifestações culturais existentes no povoado Pindaí é composto claramente pela crença oriunda do processo histórico vivenciado pela religiosidade dos Terreiros de Mina e Umbanda, da Igreja Católica (A), seguida da Igreja Assembleia de Deus (B), da Igreja Adventista (C), da Igreja Batista (D), da Igreja Congregacional e da Igreja Sarah Nossa Terra. As igrejas são constituídas por pessoas, que acentuam suas relações sociais ou as desfazem, permeando também o processo da construção das Igrejas/templos (Figura 04) que alteram a paisagem do lugar.

Figura 04: Mosaico das Igrejas/templos



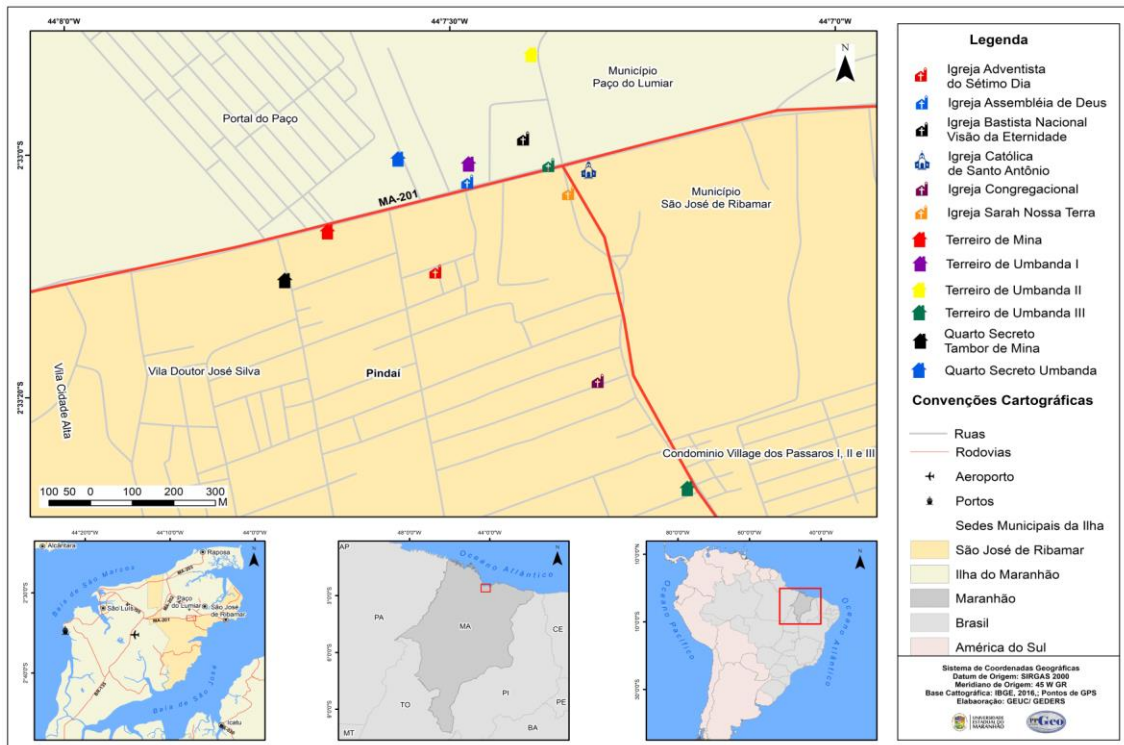
Fonte: Elaboração Própria dos Autores. (2020).

Neste sentido, traz-se a identificação das manifestações culturais do Povoado Pindaí, voltada à religiosidade étnica dos sujeitos espaciais, no mapa de Identificação das Manifestações Religiosas (Figura 05). Na espacialização do mapa identificam-se três terreiros de Umbanda e um quarto de secreto, um terreiro de Mina e um quarto de secreto; as igrejas



Cristãs totalizam cinco e possuem proximidade entre si quanto à localização apenas, sem a vivência de um diálogo ecumênico, mas cada representatividade consegue manifestar-se de acordo com seu credo.

Figura 05: Mapa de Identificação das Manifestações Religiosas



Fonte: Elaboração Própria dos Autores. (2020).

Essa abordagem se constituiu a partir do contar dos mais “velhos”, que possibilitou recordar o passado e perceber as transformações ocorridas, sobretudo nas questões culturais, religiosas e socioambientais. Enveredar nestes traços foi a oportunidade de aprofundar os aspectos que caracterizam o lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Povoado Pindaí, em sua constituição enquanto lugar, possui características específicas devido ao seu território e sua gente, numa composição histórica e presente representada pelas transformações no espaço e na relação social do sujeito. Este sujeito, por sua vez, modifica e se deixa metamorfosear sem reflexão sobre as melhorias e prejuízos

dessas alterações, associadas à rapidez com que o processo ocorre e a imponência hierárquica dos projetos instalados no lugar, sem a participação efetiva dos moradores para que haja consonância com a história, cultura e ambiente.

Na perspectiva do olhar sobre os aspectos culturais do Povoado Pindaí, alinhado à construção mais representativa da relação pessoal e interpessoal constituída na busca pelo Sagrado, enquanto ser religioso num ritmo temporal desacelerado, entretanto, sem uma atitude prática de busca e vivência da coletividade das Igrejas e Terreiros do povoado, foi uma oportunidade de conhecê-lo em seus diversos aspectos, principalmente o da religiosidade, e perceber que sempre se aprende e há algo a aprender.

Primar pela qualidade de vida dos sujeitos sociais em sintonia com a natureza ainda existente não constitui uma tarefa fácil, mas um desafio, destacado na conjuntura atual de resquícios de individualismo/isolamento das Igrejas e Terreiros demarcados por suas cercas e muros. Tão pouco as melhorias necessárias para o Povoado são implementadas por parte da religiosidade presente no lugar.

A continuidade de estudos na área é necessária para aprofundar os conhecimentos em parceria com os sujeitos sociais, capazes de tornar efetivas as ações no povoado. Portanto, o conhecimento, autorreflexão e gestão participativa com ênfase na atuação consciente dos sujeitos sociais, são particularmente importantes neste ensaio de provocação às forças vivas das Igrejas e Terreiros, para uma promoção coletiva da construção de uma reconfiguração espacial, com qualidade de vida aos seus moradores e preservação do ambiente, visto ser primordial e possível o cuidado e a conservação da natureza com passos firmes, um de cada vez: individual e coletivamente em equilíbrio com o lugar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA, A. L. **Pequeno Vocabulário Tupi-Português**. Livraria São José - Rio de Janeiro 1951.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CORRÊA, R. L. **Espaço, um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Geografia: Conceitos e temas*. 2. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

DONZELLINI, M. **O fenômeno religioso: ser católico no meio do pluralismo religioso**. Brasil. São Paulo: Paulus, 2016 – Coleção Cadernos Catequéticos.



ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERREIRA, A. J. A. **A produção do espaço urbano de São Luís do Maranhão: passado e presente, há futuro –Brasil- Maranhão- São Luís: EDUFMA, 2014.**

FERRETI, S. **Andressa e Dudu – os Jeje e os Nagô: apogeu e declínio de duas casas fundadoras do tambor de mina maranhense**. In.: SILVA, V. G. da. (Org.) *Caminhos da Alma*. Brasil. São Paulo: Summus, 2002.

HOLZER, W. **Mundo e lugar: Ensaio de Geografia**. In: MARANDOLA JR. E. HOLZER, W. OLIVEIRA, L. DE. *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2014. (p. 281-304).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Base de informações do Censo Demográfico 2010: Resultados do Universo por setor censitário**. Documentação do Arquivo. Rio de Janeiro 2011.

_____. **Cidades**. 2010. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/paco-do-lumiar/panorama>>. Acesso em: 01 Set 2020.

_____. **Cidades**. 2010. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-jose-de-ribamar/panorama>>. Acesso em: 01 Set 2020.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS – IMESC. **Situação Ambiental da Ilha do Maranhão/ Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos**. – São Luís: IMESC, 2011.

_____. **Anuário Estatístico do Maranhão**. V. 1 (1968) - São Luís: IMESC, 2010. Disponível em: <http://www.imesc.ma.gov.br/temp/docs/anuario_2010.pdf>. Acesso em: 11 Set 2020.

MACEDO, L. A. A. de. **A Urbanização da Ilha de São Luís e seus impactos ambientais nos recursos hídricos**. São Luís: EDUEMA, 2011.

MARANHÃO. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Coordenadoria de Programas Especiais. Programa Estadual de Gerenciamento Costeiro. Macrozoneamento do Golfão Maranhense; Diagnóstico **Ambiental da Microrregião da Aglomeração Urbana de São Luís**. Estudo Socioeconômico e Cultural. – São Luís: Sema/MMA/PNMA, 1998.

MARANDOLA., E. Jr. **Lugar enquanto circunstancialidade**. In: MARANDOLA JR. E. HOLZER, W. OLIVEIRA, L. DE. *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2014. (p. 227-248).

MIRANDA, A. J. F. **São José de Ribamar (nossa história, nossa cultura e nossa gente)**. Ilustrações Jesus Santos. – São Paulo: Cortez, 2009. – (Coleção nosso município)



MELLO, J.B.F. de. **O triunfo do Lugar sobre o Espaço.** In: Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. (p. 33-68).

OLIVEIRA, L. de. **O sentido de Lugar.** In: MARANDOLA, E. Jr.; HOLZER, Werther; OLIVEIRA Livia de. Qual o espaço do lugar: geografia, epistemologia, fenomenologia. – São Paulo: Perspectiva, 2014.

RELPH, E. **As bases fenomenológicas da geografia.** Geografia, v. 4, n. 7, 1979.

_____. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar.** In: MARANDOLA JR. E. HOLZER, W. OLIVEIRA, L. DE. Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. (p. 17-32)

ROMÃO, T. L. C. **Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional:** Divindades africanas e santos católicos em tradução. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n (57.1):353-381, jan./abr.2018.

SOUZA, J.A.X de. A resignificação religiosa do turismo regional: um estudo geográfico-cultural do Santuário de Fátima da Serra Grande. Dissertação (mestrado em Geografia), Universidade Federal do Ceará, p. 164. 2009.

TUAN, Yi-Fun, 1930. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

_____. A cidade: sua distância da natureza. Geograficidade | v.3, n.1, Verão 2013. ISSN 2238-0205.

_____. **Space and place: humanistic perspective.** In: GALE, S. OLSSON, G. (Orgs.). Philosophy in Geography. Dordrecht: Reidel, 1979, p. 387-427.

_____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira:- Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Geografia Humanística.** In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1985. p. 143-164.